

Israel e Ucrânia — o risco da escalada



Por ANDREW KORYBKO*

A Rússia está perdendo a paciência com Israel, por consequência solidifica seus laços estratégicos com o Eixo da Resistência liderado pelo Irã

Benjamin Netanyahu e aqueles que o rodeiam podem não perceber o impacto que poderia ter o envio de israelenses para a Ucrânia — em termos de mudar drasticamente a política regional da Rússia — tendo em conta a forma como tudo está sendo percebido pelo Kremlin, dado o contexto em evolução da Nova Guerra Fria.

Representante Permanente da Rússia na ONU, Vasily Nebenzia [alertou](#) Israel sobre “certas consequências políticas” caso envie alguns dos seus sistemas de mísseis *Patriots* para a [Ucrânia](#) através dos EUA, conforme informou a [CNN](#) recentemente que está sendo negociado entre as partes. Isto ocorre em meio à deterioração gradual das relações entre Russia e Israel desde o [ataque furtivo do Hamas](#) no ano passado, apesar do orgulhoso e persistente filo-semitismo do presidente Vladimir Putin, o que pode ser constatado melhor [aqui](#).

As cinco peças a seguir documentam a preparação para este desenvolvimento mais recente: (i) 25 de janeiro: “[A Rússia está preocupada que os ataques israelenses corram o risco de arrastar a Síria para o conflito da Ásia Ocidental](#)”; (ii) 6 de fevereiro: “O novo embaixador israelense na Rússia está totalmente equivocado sobre a política regional de Moscou”; (iii); 7 de março: “[A conformidade parcial de Israel com as demandas anti-russas dos EUA corre o risco de arruinar os laços com Moscou](#)”; (iv) 19 de abril: “[O pedido da Rússia por sanções do Conselho de Segurança da ONU contra Israel é um movimento de soft power baseado em princípios](#)”; (v) 7 de junho: “Quem a Rússia pode armar como uma resposta assimétrica ao Ocidente armando a Ucrânia?”

Para resumir, Israel começou a retratar erroneamente o ato de equilíbrio da Rússia no último conflito (cujos detalhes podem ser lidos [aqui](#)) e a flertar com a ideia de enviar sistemas de alerta precoce para Kiev, o que levou a Rússia a intensificar a sua retórica contra Israel e a flertar em armar os países do Eixo da Resistência aos inimigos. Até agora, a essa disputa permaneceu dentro do domínio das percepções mútuas e da retórica, mas o potencial armamento da Ucrânia por parte de Israel com sistemas de defesa aérea poderia levar a um armamento recíproco russo do Eixo da Resistência.

A prerrogativa cabe a Israel, uma vez que é mais fácil para este país armar indiretamente a Ucrânia do que para a Rússia armar indiretamente o Eixo da Resistência. Além disso, Benjamin Netanyahu poderá calcular que o envio de armas defensivas para lá não ultrapassará a linha vermelha política da Rússia, mas poderá proporcionar-lhe algum alívio em relação à pressão dos EUA, assunto sobre o qual os leitores podem aprender mais [aqui](#). Não está claro se ele irá levar a cabo o que a CNN noticiou recentemente, mas se o fizer, então Nebenzia deu a entender que a reação inicial da Rússia será política.

O que ele provavelmente pretendia sinalizar era que o seu país poderia acolher mais delegações do Hamas no futuro, mas desta vez para discutir laços bilaterais em vez de libertações de reféns, como aconteceu durante visitas anteriores desde o

a terra é redonda

início do último conflito, e/ou ordenar aos seus meios de comunicação que promovam de forma decisiva narrativas anti-israelenses. Eles têm estado bastante equilibrados até agora, mas isso pode mudar se a decisão for tomada.

Outra possibilidade é deixar a Síria finalmente usar os S-300 para se defender, apesar de até agora [negar](#) esse direito com o objetivo de promover uma [desescalada](#): (a) 10 de outubro de 2023: “[É improvável que a Rússia deixe a Síria se envolver na mais recente guerra entre Israel e o Hamas](#)”; (b) 22 de outubro de 2023: “[Não se espera que a Rússia pare os ataques de Israel na Síria](#)”; (c) 27 de outubro de 2023: “[Veja por que a Rússia não deteve ou respondeu ao último bombardeio dos EUA na Síria](#)”; (d) 11 de fevereiro de 2024: “[O mais recente bombardeio israelense da Síria prova que a Rússia não arriscará uma guerra mais ampla para parar Tel Aviv](#)”; (e) 11 de abril de 2024: “[As defesas aéreas russas baseadas na Síria não ajudarão o Irã se Israel responder à sua retaliação](#)”

É improvável que a Rússia reverta imediatamente o curso nesta questão ultra-sensível, depois de já ter provocado tanta ira de muitos dos seus apoiadores na mídia alternativa. No entanto, continua a ser uma medida recíproca apropriada se Israel armar a Ucrânia, embora se espere que adie por agora, já que não há como voltar atrás uma vez concedida esta autorização. Nesse caso, os laços bilaterais não se recuperariam por anos, negando assim todo o trabalho árduo do presidente Vladimir Putin sobre isso.

Dito isso, a Rússia realmente parece estar perdendo a paciência com Israel, e pode-se argumentar que tem muito mais a ganhar fazendo esse movimento há muito esperado e solidificando seus laços estratégicos com o Eixo da Resistência liderado pelo Irã do que tem a perder ao se apegar às esperanças de uma parceria regional com Israel. Essa escola de pensamento era praticamente inexistente dentro das comunidades de formulação de políticas da Rússia antes do último conflito, mas isso só mostra o quanto tudo mudou desde então.

A ascensão de uma facção política pró-Resistência é paralela à ascensão da facção pró-BRI (*Belt and Road Initiative*), sobre a qual os leitores podem ler [aqui](#), e são praticamente a mesma devido às suas visões de mundo sobrepostas. Seus respectivos rivais são a facção pró-israelense e equilibrista/pragmática, que também são praticamente a mesma [coisa esse contexto regional](#), uma vez que pretendem evitar uma dependência regional potencialmente desproporcional em relação ao Irã, mantendo laços estratégicos com Israel, mesmo que estes sejam em prejuízo do Irã.

Enquanto a Rússia está recalibrando a sua estratégia asiática, conforme explicado [aqui](#), e assim parece estar a pôr um trava à até agora astronômica expansão de influência da facção pró-BRI (*Belt and Road Initiative*), a facção pró-Resistência poderá receber um impulso crucial se Israel enviar os seus *Patriots* para a Ucrânia através dos EUA.

Essa pode ser a gota de água que proverbialmente quebra as costas dos decisores políticos e os leva a apoiar as recomendações políticas deste grupo, que poderiam levar a Rússia a autorizar a Síria a usar os S-300 contra Israel, conforme explicado.

Para ser claro, a facção pró-Resistência existe principalmente apenas nos meios de comunicação internacionais russos financiados publicamente e entre os seus associados (incluindo os informais), com quase nenhuma influência nos seus grupos de reflexão, embora alguns estejam entusiasmados com as suas opiniões. A facção pró-israelense/equilibrista/pragmática continua predominante e é por isso que a política atual permaneceu em vigor durante tanto tempo, apesar das repetidas provocações de Israel que poderiam ter levado a uma mudança política há muito tempo se a vontade política estivesse presente.

Este estado de coisas poderá mudar decisivamente, no entanto, se Israel armar indiretamente a Ucrânia com os seus *Patriots*. Benjamin Netanyahu e aqueles que o rodeiam podem não perceber o impacto que poderia ser em termos de mudar drasticamente a política regional da Rússia, tendo em conta a forma como tudo é cada vez mais percebido pelo Kremlin, dado o contexto em evolução da [Nova Guerra Fria](#). Israel deveria, portanto, pensar duas vezes sobre isto, para não correr o risco de catalisar o pior cenário possível nas relações com a Rússia.

a terra é redonda

***Andrew Korybko** é mestre em Relações Internacionais pelo Instituto Estadual de Relações Internacionais de Moscou. Autor do livro Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes (Expressão Popular). [<https://amzn.to/46lAD1d>]

Tradução: **Artur Scavone**.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)